

TECNOLOGIAS ENQUANTO LINGUAGEM: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DAS NOVAS LINGUAGENS EM SALA DE AULA

Francielle Alves VARGAS.

Universidade Federal de Minas Gerais.

francielleavargas@hotmail.com.

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar e compreender o advento do ciberespaço e da cibercultura na perspectiva das mudanças paradigmáticas sociais, lingüísticas, no âmbito da escola. Optou-se pela pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, seguido do relato de experiência sobre o uso das tecnologias em projetos educacionais. A criação deste “novo” espaço que emerge a partir da Internet cria também novas linguagens que são constitutivas deste espaço virtual. O argumento deste artigo fundamenta-se na percepção em que os habitantes deste novo espaço virtual sejam eles nativos, imigrantes, navegantes ou “atualizantes” passem pelo processo de apropriação destas novas e múltiplas linguagens tecnológica, num movimento de multiletramento digital a fim de formar protagonistas, críticos e ativos e entender o contexto econômico e político ao qual essas novas tecnológicas estão inseridas a fim de transpô-los do papel de meros “participantes passivos” do ciberespaço, convidando-os a construir colaborativamente redes de saberes. Entender as hipermodalidade das linguagens tecnológicas e a seu alcance as juventudes é um outro argumento deste artigo. Pensar essas novas linguagens tecnológicas enquanto metodologia em sala de aula num processo de ensino e aprendizagem que é atrativa as juventudes e promove que estes/as jovens atribuam sentido a escola.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação; Ciberespaço e Cibercultura; Educação; Linguagem. Multiletramento digital.

Não se perguntará o que os princípios são, mas o que eles fazem.

Gilles DELEUZE

1.0 Introdução

Compreender e discutir a apropriação das novas linguagens tecnológicas no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista o protagonismo juvenil em sala de aula e a emancipação do aluno no ciberespaço é o desafio deste artigo. Com o advento da cibercultura, novos saberes e linguagens emergem deste processo e a sala de aula, mesmo contemporânea deste contexto, ainda mantém uma linguagem ‘analógica’. Cria-se então uma dicotomia digna de discussão: de um lado, o espaço estático da sala de aula, marcado pela presença da linguagem ‘analógica’, e de outro lado, os múltiplos espaços virtuais que possuem uma linguagem

dinâmica, interativa e hipermodal¹. Diante deste cenário, o jovem encontra dificuldade para atribuir sentido a essa ‘velha’ linguagem reproduzida pela escola, que não dialoga com a condição juvenil. Com o surgimento da cibercultura, os sentidos atribuídos aos espaços escolares deslocaram-se, evidenciando, então, métodos pouco eficazes. A sala de aula tradicional privilegia métodos de ensino-aprendizagem unilaterais, pautado apenas no conteúdo, impossibilita assim a criação de espaços para que os saberes dos jovens possam ser postos em cena. Trata-se de uma linguagem que não consegue dialogar com esse aluno, uma comunicação desconectada do ciberespaço, destoada do cotidiano desses jovens ‘ciborgues’, conectados em rede aos mais diversos e dinâmicos espaços. Por outro lado, essa ‘nova’ linguagem e o novo ‘espaço’ possibilitam a construção colaborativa do conhecimento tornando esse jovem protagonista no processo ensino-aprendizagem. A autonomia e o protagonismo juvenis são estimulados, despertando nos jovens o desejo de buscar aprendizados e saberes diversos propiciados por este novo contexto. No ciberespaço, os jovens se sentem parte da construção do conhecimento e seus saberes são reconhecidos, construídos, reproduzidos e ressignificados. A partir deste novo cenário, vários desafios são postos: como se apropriar das novas linguagens tecnológicas? Como trabalhar para que essa linguagem seja usada como aporte metodológico em sala de aula? A apropriação das múltiplas linguagens que emergem no ciberespaço pode auxiliar tanto o aluno quanto o professor no processo ensino-aprendizagem? Quais os sentidos atribuídos a escola num cenário atravessado pelas novas tecnologias? Estas são algumas das discussões propostas neste artigo.

2.0 O Ciberespaço e as múltiplas linguagens tecnológicas.

2.1 Tecnologia enquanto linguagem

Compreender as novas tecnologias da informação constituintes do ciberespaço e formadoras da cibercultura enquanto hipermodalidades lingüísticas e culturais é importante para que compreendamos a importância da apropriação dessas novas linguagens num contexto de ensino-aprendizagem.

¹ Lemke (2002, p.300) utiliza o termo "hipermodalidade" para descrever as novas interações entre os sentidos expressos pela palavra, pela imagem e pelo som nos sistemas de hipermídia tais como a WWW.

Este novo paradigma social de virtualidade em que vivemos e que segundo a filosofia de Deleuze, o virtual é tudo aquilo que está em potência e ainda não foi atualizado. “a partir de um virtual que, sem ser atual possui, enquanto tal, uma realidade intensiva”(ALLIEZ, 1996, pg.20). É a partir deste novo paradigma promovidos pelo advento do ciberespaço² e da cibercultura³ que novas configurações sociais, lingüísticas, políticas e de ensino e aprendizagem foram criados e antigos métodos questionados, mediante a criação de um “novo” espaço virtualizado que tem modificado nossa forma de nos relacionar com os outros, com nós mesmos, com a sociedade e com a escola. Segundo Garbin (2003) “A mídia eletrônica se apresenta como um avanço tecnológico capaz de modificar nosso comportamento” (p.121).

É partir deste novo paradigma socio-virtual que repousamos o argumento de uma nova linguagem. Essa nova linguagem é constitui este “novo” espaço. O ciberespaço é um território constituído de múltiplas linguagens e a partir da apropriação destas linguagens que a atuação neste espaço torna-se protagonista, consciente e crítica.

Inicialmente, entenderemos o conceito de linguagem para compreendermos esses espaços virtuais enquanto tais.

Segundo os estudos gerativistas do linguista Noam Chomsky (1973) toda linguagem é cultural, ou seja, é constituída socialmente. A estrutura lingüística, inata, não possui origem na sociedade ao contrário da linguagem que tem origem social. O autor reitera a capacidade lingüística do ser humana de comunicação, enquanto faculdade de linguagem.

Na obra, *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de Bakhtin (1988) o conceito de linguagem referencia a necessidade de compreendermos os espaços enquanto compostos de signos e ideologias:

Toda linguagem é um produto ideológico que faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo, em outro termos tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (p.31)

Ainda, segundo Bakhtin (1998), “todo signo é, por natureza, vivo e móvel, plurivalente” (p.15). Para o autor, é possível compreender a relação de decodificação das

² Ciberespaço consiste no “território que surge da interconexão mundial dos computadores, a internet” (SALES, no prelo)

³ Cibercultura é o conjunto de práticas, de atitudes, de significados, de símbolos, de modos de pensamento e de valores produzidos, experimentados e compartilhados no ciberespaço” (SALES, no prelo)

múltiplas linguagens que formam o ciberespaço e as práticas de significação existentes nesse contexto. O autor já previa a possibilidade de uma sêmica hipermodal:

"Todo sistema de signos(isto é, qualquer língua), por mais que sua convenção se apóie em uma coletividade estreita, em principio sempre pode ser decodificado, isto é traduzido para outros sistemas de signos(outras linguagens); conseqüentemente, existe uma lógica geral dos sistemas de signos, uma potencial linguagem das linguagens única (que evidentemente, nunca pode vir a ser uma linguagem única concreta, uma das linguagens).(p.311).

As novas práticas de significação e comunicação desencadeadas pelas tecnologias digitais, e utilizadas no ciberespaço se intensificam no processo de efemeridade e fluidez das relações experimentadas pelos/as atuantes no contexto socio-virtual estabelecido na Internet. Esse movimento privilegia um alcance maximizado a informação num tempo minimizado, criando assim uma forma de comunicação que atenda essa especificidade, além de traduzir a necessidade cognitiva juvenil de se comunicar nessas redes sociais.

Uma das formas de se comunicar, comumente utilizada pelas/os jovens e demais "atualizantes" do espaço virtual é o internetês. Essa nova forma de se comunicar, característica do ciberespaço, que muitas vezes se desdobra nos espaços não-virtuais, surgiu a partir da necessidade dos nativos/as digitais e demais atuantes do ciberespaço de criar signos e significados que naveguem pelos novos meios de comunicação e conhecimento, advento da cibercultura. Segundo Sales (2010, p. 57), o internetês "é o eixo articulador da subjetividade ciborgue". Essa nova linguagem cibernética hiperinterativa possui características que contemplam a representação das afetividades juvenis vivenciados no ciberespaço. Abaixo um exemplo destes novos signos que representam uma "nova" forma de comunicação no espaço virtual:

Christian Linconl kkkk. >< ' bora.
17 de outubro às 10:54 · Curtir · 🍷 1

Victor Silva Vej, deu sdds ja 😞
3 de outubro às 10:16 · Curtir · 🍷 1

Gabriella Vieira blz!
27 de agosto às 15:44 · Curtir



Fig. 1 Grupo de discussão no facebook habitado por estudantes do ensino médio.

Fonte: <https://www.facebook.com/>

Referenciando tal processo Braga (2004) lembra que, com os gêneros da web, emerge uma nova realidade comunicativa que ultrapassa as possibilidades interpretativas dos gêneros multimodais tradicionais. Como analisa a autora, cada modalidade expressiva integra um conjunto diferenciado de significados possíveis, pois cada forma semiótica é única, na medida em que agrega um conjunto de normas interpretativas e possibilidades de significado que lhe são particulares.

Esse novo espaço de múltiplas linguagens e de identidade comunicacional própria reflete exatamente esse cotidiano sócio-virtual do ciberespaço e das redes sociais. No ciberespaço utiliza-se de várias linguagens que, em sua maioria, objetivam a materialização de sentimentos, expressões faciais, físicas e afetivas. A relação entre signo e ideologia, neste processo é constituída a partir da soma dos elementos estruturais utilizados para a construção dos artefatos lingüísticos e de sua intenção e interação comunicativa. Segundo Bakhtin (1988) “o signo e a situação social são indissolúvelmente ligados”(p.16). Assim, todo signo é ideológico. Ainda segundo o autor:

Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência. Ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano” que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.” (pg.16).

2.2 APROPRIAÇÃO DAS LINGUAGENS TECNOLÓGICAS EM SALA DE AULA

A apropriação destas novas linguagens tecnológicas no âmbito da escola pode ser um grande facilitador do processo de ensino-aprendizagem, a fim de formar os/as jovens

estudantes enquanto indivíduos ativos, críticos e protagonistas neste novo espaço. Esse processo de apropriação das múltiplas linguagens tecnológicas é fundamental para que o/a aluno/a desenvolva competências suficientes para atuar nestes novos espaços virtuais de forma ativa e não somente enquanto um expectador e/ou reproduzidor acrítico de conteúdos.

Entender as múltiplas tecnologias que emergem a partir do advento da Internet e constituem o ciberespaço enquanto linguagem é deslegitimar o conceito de apropriação das novas tecnologias digitais apenas para fins instrumentais. Compreender a complexidade da formação e atuação para este “novo” conceito de espaço virtual é, ao mesmo tempo, pensar na apropriação das novas tecnologias não enquanto catequizadoras para o mundo do trabalho. Este movimento é, de certa forma, um mecanismo perigoso que pode demonizar estas novas linguagens e neutralizar as potencialidades que essas novas linguagens tecnológicas têm no âmbito das práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem.

A fim de possibilitar a interação, a comunicação e a atuação neste espaço é importante pensarmos numa formação para a apropriação dessa linguagem hipermodal e constituinte do ciberespaço, num processo de multiletramento digital.⁴

A partir do conceito de Nativos digitais, adotado por Palfrey e Gasser(2011) que diz ser todos àqueles nascidos após 1980 e que receberam estímulos modais diferentes das gerações anteriores, além de adquirirem habilidades para usar as novas tecnologias digitais. Eles se relacionam com as pessoas de forma diferente e atravessada por essa hiperconectividade. Há também os Imigrantes digitais. São estes os que não se enquadram nesse grupo (nascidos em gerações anteriores) e precisam passar por um processo de imersão nestas novas linguagens e interação com os nativos digitais, além de passarem por um processo de apropriação destes novos conceitos tecnológicos (PALFREY; GASSER, 2011).

Façamos uma comparação entre nativos digitais e nativos de uma língua. Assim como um nativo nascido na França, cuja língua é o francês, provavelmente conseguirá se comunicar com os demais habitantes deste território mesmo nunca tendo frequentado a escola. Porém sua atuação neste território será diferente em relação ao um francês nativo que tenha passado pelo processo de alfabetização, por exemplo. No ciberespaço, os processos parecem similares. É o processo de formação e apropriação destas novas linguagens tecnológicas que possibilita ao atuante ou atualizante do ciberespaço um “melhor trânsito” nestes espaços, tornando-o protagonista e ativo dos múltiplos territórios cibernético.

⁴ Roxo (2009) chama de multiletramento os textos contemporâneos, que supõem outras formas de leitura e escrita (por exemplo, o hipertexto). Acolhe as possibilidades atuais de letramentos.

Os nativos digitais e os imigrantes digitais possuem conceitos, habilidades e níveis de letramentos diferentes em relação às novas tecnologias. Porém, no ciberespaço, ambos precisam passar pelo processo de apropriação crítica dessas novas linguagens ciberculturais num processo multiletramento digital.

3.0 Educação analógica x Educação à distância: Diálogos sobre uma educação em rede.

A escola analógica, de cultura escolar estática e pouco interativa que experimentamos nos dias de hoje, já não comporta mais as mudanças paradigmáticas em que vivemos na sociedade contemporânea. Com o advento da Internet, novas formas de vivenciar a escola precisam ser pensadas. É preciso também pensar esses novos sujeitos, imersos num novo cenário de hiperconectividade. Pensar novos sujeitos e os espaços escolares, que mesmo nesse contexto insistem em manter-se estáticos, sombrios e dialógicos é fundamental para que os/as jovens atribuam sentido a sala de aula. Pensar numa escola conectada, multidisciplinar e interativa, de espaços múltiplos de ensino e aprendizagem é essencial para que haja o desenvolvimento de novas práticas de ensino que atraiam esse/essa jovem à escola. Segundo Garbin (2009) as juventudes contemporâneas ouvem músicas nos diversos aparelhos que possuem esse artefato, ao mesmo tempo, que postam fotos, vêem vídeos, fazem comentários e utilizam as ferramentas de rede social. De acordo com a autora, a Internet possibilita a produção de novos conhecimentos, a comunicação e lazer e a informação simultânea.

Os sentidos atribuídos à relação da/o jovem com a escola sofreu grande impacto com o advento da Internet e das redes sociais. No caso do ensino médio, os/as jovens parecem não conseguir mais atribuir sentido aos velhos métodos, de uma escola de moldes arcaicos que insiste em reproduzir os mesmos saberes de forma analógica e linear, desprezando o contexto ao qual ela está inserida, contexto este hiperconectado e em rede. O contexto em que as escolas de ensino médio encontram-se inseridas demandam uma nova forma de relacionar-se com essa juventude ciborgue, interativa e conectada. Segundo Sibilía (2012), manter a mesma relação ultrapassada e analógica com as juventudes é um movimento mais do que incoerente, pois manter essa mesma configuração de sala de aula que presenciamos, há tempos, sem muitas alterações é um ato violento contra esse/a jovens:

Surge um choque digno de nota: justamente essas crianças e adolescentes, que nasceram ou cresceram no novo ambiente, tem de se submeter todos os dias ao contato

mais ou **menos violento com os envelhecidos rigores escolares**. Tais rigores alimentam as engrenagens oxidadas dessa instituição de confinamento fundada há vários séculos e que, mais ou menos fiel a suas tradições, continua a funcionar com o instrumental analógico do giz e do quadro negro, dos regulamentos e boletins, dos horários fixos e das carteiras alinhadas, dos uniformes, da prova escrita e da lição oral. (...) (p.51-52)

A apropriação das novas linguagens tecnológicas e a formação para um multiletramento digital é primordial para que os/as jovens, mesmos nativos digitais tenham uma formação crítica sobre este espaço e as diversas possibilidades de atuação e protagonismo presentes ali. Nas análises e conclusões publicadas no livro *Geração Digital*, Tapscott (1999) constatou uma forte rejeição ao “jeito velho de aprender”, rejeição que se mostrou de várias maneiras, principalmente, quando os alunos começam a buscar outras fontes de informação, não se limitando mais ao professor ou ao livro didático.

Não faz sentido mais pensar numa educação à distância. O advento da Internet atravessou nosso cotidiano justamente para romper com as barreiras e distâncias cartesianas, apresentando-nos um território virtualizado que maximiza o alcance a múltiplos espaços e saberes, minimizando o tempo. Pensar numa educação em rede é mais coerente ao cenário atual.

As juventudes nascerem numa lógica de rede que rompe as barreiras da intermediação. Segundo Assange (2012) a Internet pode ser uma grande ferramenta de emancipação. De acordo com essa perspectiva de emancipação e protagonismo do indivíduo que pensar numa “Educação em Rede” torna-se indispensável num contexto de conexão global em que vivemos hoje.

Os jovens, segundo Levy (1999) são os grandes protagonistas da expansão global dessa lógica conectada em rede e predominantemente ativos neste espaço: “o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem”. (p.11). Estar em rede é estar multifocado, ou seja, conectado, ao mesmo tempo, em vários saberes e formas diferentes, sem interventores desse processo. O/a jovem pode se conectar a saberes múltiplos e, para isso, basta apenas um click. Entender essa nova lógica de rede é fundamental para compreendermos o processo de aprendizagem desses jovens. Será que esses jovens aprendem da mesma forma que as gerações anteriores a eles? Os múltiplos espaços de aprendizagem, a cibercultura e os espaços de sociabilidade devem manter-se invisibilizados pela escola e pelo educador em sala de aula? Essas são questões importantes para pensarmos a educação em rede, muito mais do que uma educação analógica ou uma educação à distância. Uma educação que coloque em evidência os saberes desse/as jovens e que os

possibilitem integrar-se ao processo de construção do conhecimento, em sala de aula é o começo de uma educação em rede. Rede de saberes cujo papel do professor seja de articular e ligar os pontos dessa rede em conjunto com os alunos permitindo que esses sujeitos naveguem pela rede e construam novas redes. Pensar uma construção colaborativa do conhecimento em rede, em sala de aula, é o ponto chave para a Educação em Rede.

3.1 BLOGS, PREZI, MAPAS CONCEITUAIS, REDES SOCIAIS E SUAS LINGUAGENS: UMA METODOLOGIA DE APROPIAÇÃO DE LINGUAGENS TECNOLÓGICAS E MULTILETRAMENTO DIGITAL.

A partir dos conceitos de educação em rede, de apropriação das múltiplas linguagens tecnológicas e do multiletramento digital apresentados anteriormente, neste artigo, o Núcleo Pr@xis⁵ (<http://www.praxis.fae.ufmg.br/>) desenvolveu uma metodologia a fim de possibilitar a criação de espaços multidisciplinares, interativos e dinâmicos onde estudantes de licenciaturas no âmbito da UFMG, professores da rede pública e privada e demais interessados em educação e linguagens pudessem se apropriar dessas múltiplas linguagens tecnológicas, além de dialogar e construir conhecimentos sobre novas práticas pedagógicas em sala de aula pensadas a partir dessa nova configuração sócio-virtual, dessas novas linguagens tecnológicas e dessa lógica de educação em rede.

Mensalmente são divulgadas no site do núcleo (<http://www.praxis.fae.ufmg.br/>) e publicizadas em toda a Universidade os espaços de diálogos, divididos por linguagens tecnológicas (prezi, blogs, mapas conceituais, redes sociais, etc) e por áreas temáticas. As discussões nestes espaços são voltadas a educação.

⁵ O Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação (Núcleo Pr@xis) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pretende realizar pesquisas no país e em parceria com instituições de outros países sobre a relação entre a educação e as novas tecnologias visando com isso a colaboração com a formação de massa crítica acerca da temática das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Além disso, o grupo se preocupa com a criação de ações de caráter social - inclusas aí possíveis indicações para políticas públicas - que permitam a ampliação da democratização e a popularização da ciência e da tecnologia no Brasil.

INTEGRAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA
FORMAÇÃO DOCENTE



Oferta de oficinas pelo Núcleo Pr@xis – 2º/2013
As inscrições estão disponíveis no site <http://www.praxis.fae.ufmg.br>
Local de Realização das Oficinas: Sala 1202

**OFICINAS DE TECNOLOGIA, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
CRONOGRAMA – AGOSTO**

BLOG NA EDUCAÇÃO
Discutir possibilidades do uso de blog enquanto uma ferramenta didática, visando a potencialização do trabalho do professor da educação básica. Criação e edição de blog.
Data: 13-Agosto-2013 (terça-feira)
Horário: 8h30 às 11h30
Número de vagas: 20
RESPONSÁVEL: GABRIEL

UTILIZAÇÃO E GERENCIAMENTO DO GOOGLE DOC'S E DRIVE
Criação, construção e compartilhamento de documentos, planilhas e formulários a partir do conceito de *cloud computing* utilizando o Google docs, drive e DropBox.
Data: 14-Agosto-2013 (quarta-feira)
Horário: 14h30 às 17h30
Número de vagas: 20
RESPONSÁVEL: WEIDSON LELES

HMTL E REDES SOCIAIS
Como realizar o uso das redes sociais numa perspectiva pedagógica assim como a utilização de algumas ferramentas avançadas das principais redes sociais. A oficina objetiva também apresentar como utilizar recursos de HTML.
Data: 16 Agosto-2013 (sexta-feira)
Horário: 19h15 às 22h30
Número de vagas: 20
RESPONSÁVEL: FRANCIELLE

LOUSA DIGITAL E PREZI NA EDUCAÇÃO
Possibilitar o conhecimento das potencialidades da ferramenta Prezi apresentando seus recursos e possibilidades pedagógicas, nos diferentes níveis da educação. Possibilitar também o conhecimento e reconhecimento da lousa digital.
Data: 20-Agosto-2013 (terça-feira)
Horário: 8h30 às 11h30
Número de vagas: 20
RESPONSÁVEL: GABRIEL

EXTRAÇÃO E EDIÇÃO DE ÁUDIO E VÍDEO
Reconhecer as diferentes extensões das mídias áudio visuais. Extrair e editar estas mídias para enriquecer e complementar o processo comunicativo e de educação.
Data: 21-Agosto-2013 (quarta-feira)
Horário: 14h30 às 17h30
Número de vagas: 20
RESPONSÁVEL: WEIDSON LELES

Fig.2 Cronograma mensal das formações oferecidas pelo Núcleo Pr@xis.

Fonte: <http://www.praxis.fae.ufmg.br/>

A metodologia utilizada nestes espaços é desenvolvida focada no aluno. No primeiro momento, a proposta é a criação de uma roda de diálogos com os alunos. A temática abordada neste primeiro momento evidencia temas transversais, tais como: relações de gênero e sexualidade, relações étnicos raciais, participação política, drogas, violências, entre outros. A partir dessa discussão e da desconstrução de preconceitos e construção de novos saberes a respeito dessas temáticas passamos para o segundo momento da metodologia.

No segundo momento é apresentada a linguagem tecnológica proposta pela temática daquela roda de diálogos (os blogs, os microblogs ou twitters, o facebook, gmail, mapas conceituais, redes sociais, entre outros). A partir da apresentação das multiplicidades dessas linguagens passa-se para o terceiro momento da metodologia. O objetivo deste segundo momento não é instrumentalizar os alunos, mas possibilitar que eles se apropriem da

linguagem proposta e possam, a partir dessa apropriação, tornarem-se protagonistas no ciberespaço utilizando essa linguagem de forma crítica.

No terceiro momento, os alunos são convidados a interagirem com essa nova linguagem que lhes foi apresentada. De acordo com as discussões propostas no primeiro momento da metodologia, os alunos são incentivados a construir colaborativamente um artefato cultural, utilizando a linguagem apresentada. A ideia é possibilitar que eles utilizem em sala de aula com seus alunos.

O quarto e último momento é o da avaliação. Nesse momento os alunos publicam em formato de depoimento suas percepções sobre o espaço de diálogo experimentado. Eles avaliam também a proposta e a apropriação da nova linguagem tecnológica. Nesse momento eles discutem a dinâmica e a atuação do/a mediador/a daquele espaço de diálogo. Para finalizar, eles apresentam suas construções aos demais colegas e trocam idéias, dúvidas e percepções.

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE EDUCAÇÃO NÚCLEO PR@XIS 1º Semestre 2012 Coordenação: Profª Rosilene Horta-Tavares - Gabinete 1550 - 3409-5340					
PLANO DE CURSO					
Oficina/Espaços de diálogos: O uso pedagógico dos mapas conceituais					
Eixo temático/área: Tecnologias digitais em sala de aula					
Objetivos: Proporcionar diálogos sobre a linguagem dos mapas conceituais além de promover diálogos sobre a a múltiplas linguagens tecnológicas em sala de aula e discutir sobre temas transversais. Criados na década de 70, os mapas conceituais ganharam força nos anos 90 quando surgiram as ferramentas informatizadas que possibilitam sua construção e seu compartilhamento. Os Mapas Conceituais são propostos como uma estratégia potencialmente facilitadora de aprendizagem.					
Educadora: Francielle Vargas (francielleavargas@hotmail.com)			Carga horária: 4 h/a		
Unidade Temática	Conteúdos que serão trabalhados nesta unidade	Como trabalhar este assunto (procedimentos metodológicos)	Qual material utilizar (recursos)	Tempo previsto (carga horária)	Formas de avaliação
Múltiplas linguagens tecnológicas	Mapas conceituais; Relações de gênero.	Momento 1: Discussão sobre os sentidos atribuídos do termo vadia Momento 2: Introdução sobre o conceito de mapas conceituais Momento 3: Construção colaborativa de um mapa conceitual a partir do Termo "vadia", Publicação no blog do mapa conceitual construído. Momento 4: Avaliação	Retroprojeto; computador; Internet;	4h	Depoimentos no blog sobre o espaço de diálogo e sobre a discussão.

Fig. 3: Plano de curso dos espaços de diálogo

Fonte: Fonte: <http://www.praxis.fae.ufmg.br/>



Fig. 4: Mapa conceitual produzido por um dos alunos do espaço de diálogos de mapas conceituais a partir das discussões realizadas durante a oficina.

Fonte: <http://oficinasdetecnologia.wordpress.com/mapas-conceituais/>

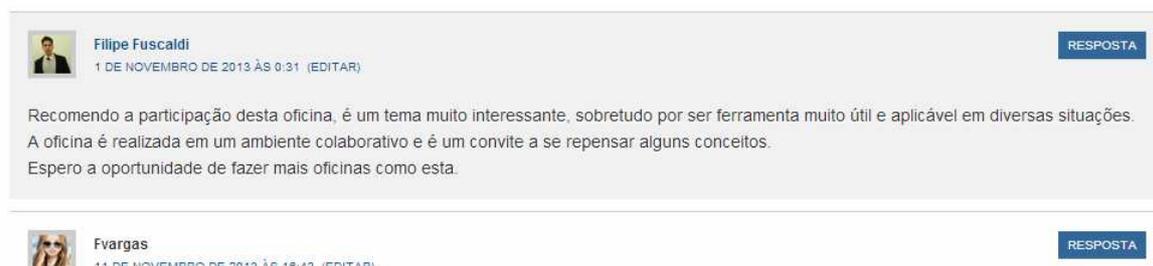


Fig. 5: Avaliação de um dos alunos a cerca do espaço de diálogo de mapas conceituais

Fonte: <http://oficinasdetecnologia.wordpress.com/mapas-conceituais/>

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender os adventos das novas tecnologias digitais e o ciberespaço a partir de uma perspectiva lingüística e social que atravessa e rompe com os muros da escola possibilita construirmos novas práticas de ensino e aprendizagem a fim de acrescentar sentido a escola para esses jovens. As juventudes hiperconectadas e multimodais já não conseguem atribuir sentido a escola. Esses “corpos” são violentados em espaços escolares estáticos, pouco

atrativos e de linguagem dialógica. Esse contexto não consegue dialogar com essas juventudes que já nasceram numa lógica de conexões em rede.

Pensar numa Educação em Rede, a partir do cotidiano desses jovens, das linguagens tecnológicas e apropriação delas de modo que proporcionem uma formação para atuação nesse novo espaço virtual de forma protagonista, ativa e crítica tem gerado bons frutos no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

5.0 BIBLIOGRÁFICAS

ALLIEZ, E. Deleuze filosofia virtual. Rio de Janeiro: 34 Literatura S/C, 1996.

ASSANGE, Julian *et. all.* *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo, 2013.

CHOMSKY, Noam. Linguagem e responsabilidade. São Paulo: JSN Editora, 2007.

_____. Reflexões sobre a Linguagem. Lisboa: Edições 70, 1976.

GARBIN, M. E, Conectados por um fio: alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: Dayrell, J. Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio. Salto para o futuro, Ano XIX boletim 18 - Novembro. . 2009.

GARBIN, M. E. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 23. p. 119-35, maio/jun./jul./ago. 2003.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34. 1999.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos. A Escola e a Inclusão Social. São Paulo, Parábola, 2009.

PALFREY, John; GASSER, Urs. Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SIBILIA, P. Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto. (2012a).

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Educ. Soc. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SALES, S. R. (no prelo). Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do ensino médio. In: Maia, C. V. L.; Dayrell, J. T.; Carrano, P. (Orgs.). A condição juvenil e o ensino médio no Brasil.

TAPSCOTT, Don. Geração Digital. São Paulo, São Paulo: Macron Books, 1999.

TFOUNI, Leda Verdiane. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.